2 - Ishwara, o deus semi-pessoal

Imediatamente abaixo de Brahma, vem uma segunda entidade divina: Ishwara, cujo papel é finalmente bastante fácil de entender. Enquanto Brahma era o assento de todas as possibilidades não manifestadas, Ishwara contém apenas uma possibilidade única, a da manifestação atual, o universo em que vivemos. Ishwara contém a manifestação como virtualidade. Ele é a possibilidade imediata de manifestação. Enquanto Brahma contém virtualmente todos os mundos, Ishwara contém virtualmente apenas o nosso.

Ishwara ainda participa da natureza de Brahma, pois ainda é apenas virtualidade. Mas ao mesmo tempo, ele pertence, pelo menos parcialmente, à manifestação, já que, embora não a traga à existência, ainda a contém em potência.

Ishwara possui, portanto, um menor grau de universalidade do que Brahma. René Guénon diz que "Ishwara é qualificado, ou seja, concebido distintamente". Esta entidade divina é capaz de receber atributos divinos; mas ainda os contém apenas como possibilidades.

Ishwara não é individualizado. Ele constitui por si só uma manifestação informal.

> "Ishwara, embora não seja individualizado por si só, pertence aos seres individuais, aos quais ele comunica a possibilidade de participação nos atributos divinos, ou seja, na própria natureza do Ser universal, princípio de toda existência". (O Homem e seu destino segundo o Vedanta, capítulo VII).

> "Em si mesmo, Ishwara é independente de toda manifestação, da qual, no entanto, é o princípio, sendo o Ser Supremo." ("O Homem e seu destino..." - capítulo X).

> "O termo sânscrito que pode ser traduzido da forma menos incorreta como Deus não é Brahma, mas Ishwara" ("O Homem e seu destino...", capítulo I).

R. Guénon atribui a Ishwara a Personalidade Divina, dizendo que ele é a personificação de Brahma. Mas ele faz a mesma observação sobre a supra-personalidade de Brahma: não há questão de

atribuir à "Pessoa" de Ishwara a menor traço de antropomorfismo.

Ishwara é o ordenador da manifestação:

> "enquanto permanece ele mesmo não agindo na plenitude de sua atividade principial." ("O Homem e seu destino...").

Portanto, aqui está uma entidade divina cuja essência é servir de intermediário entre o Princípio Supremo e a manifestação. Mas então somos tentados a atribuir a ele um papel demiúrgico, ou seja, o papel de um agente organizador da materia prima. Mas R. Guénon se opõe a isso observando que, em seu sistema, não há materia prima no sentido em que existe nos sistemas dualistas. A metafísica védica é não dualista, pois a matéria e o espírito não são independentes; e eles não são independentes porque ambos pertencem a um Princípio Supremo comum.

Revision #1
Created 13 June 2024 02:13:15 by Admin
Updated 13 June 2024 02:13:39 by Admin